

Uma Corrida com Novas Pernas: Perspectivas Essenciais sobre o Tema da Biometria no Iraque

Andrew R. Hom

AS FORÇAS ARMADAS dos EUA enfrentam um desafio de efeito duplo constituído pelas operações de estabilidade que estão em processo no Iraque. Em primeiro lugar, devem satisfazer uma exigência imediata ao proteger suas próprias forças contra uma insurgência cada vez mais ativa e eficaz. Segundo, devem perseguir o objetivo político contínuo do desenvolvimento do Estado, ou seja, a promoção e construção da democracia, transformando o Iraque no primeiro dominó na até agora indefinida paz democrática da região.¹ Desafortunadamente para as Forças Armadas dos EUA, as soluções propostas para manter a segurança da força num ambiente político perigoso e como mudar este ambiente são com frequência mutuamente exclusivas.

As tecnologias biométricas representam, no melhor dos casos, uma solução unidimensional que não somente não consegue levar em consideração um lado do dilema, mas também impede o progresso do outro. As tecnologias biométricas abrangem o intervalo de tempo condensado sob o qual as Forças Armadas dos EUA operam no Iraque utilizando suas capacidades vanguardistas de identificação humana e de rastreamento contra uma insurgência muito inovadora, progressivamente mais sofisticada, que opera entre uma população de mais de 26 milhões de civis. No entanto, várias teorias políticas e sociais, incluindo as de crítica, realista e de estruturação, sugerem que a introdução de identificação biométrica e vigilância no Iraque produzirá resultados duvidosos que fazem a democratização menos provável. Esses resultados variam entre uma ampla lacuna nas relações civil-militares no Iraque à possibilidade horrível de um massacre facilitado pela tecnologia biométrica.

Proponho que as soluções biométricas aos requisitos de operações de estabilidade dos EUA destacam um paradoxo fundamental da presença militar norte-americana no Iraque. O incremento de restrições de tempo, devido à velocidade da insurgência e à pressão política doméstica americana, obriga as forças militares a escolherem a conveniência da atividade tática de curto prazo ao invés do sucesso político de longo prazo. As biometrias oferecem um vínculo indicativo do dilema das forças armadas, do qual se pode analisar o paradoxo constituído por maiores objetivos políticos norte-americanos de longo prazo e pelos contextos mais temporais e limitados espacialmente nos quais eles são obtidos.

Andrew R. Hom é estudante do programa de Mestrado em ciência política na Universidade de Kansas. Ele possui o título de Bacharel em estudos religiosos e o de desenho industrial pela Universidade de Kansas. Seus interesses de pesquisa incluem a teoria de relações internacionais, ética internacional, direitos humanos e genocídio, soberania estadual e a filosofia das ciências sociais. Atualmente, o Sr. Hom está trabalhando com sua tese de mestrado sobre a filosofia de tempo na teoria de relações internacionais.

FOTO: Um soldado obtém informação biométrica do olho de um iraquiano durante uma patrulha em Bagdá, Iraque, 5 de agosto de 2007.

Suboficial Jonathon Doti, Força Aérea dos EUA

Menor e Mais Rápido

Com o decorrer do tempo, os objetivos das operações de estabilidade norte-americanas não têm mudado muito. Com operações levadas a cabo no México, Panamá, Filipinas, Somália, Haiti, Afeganistão e Iraque, o “controle da população em geral, repressão da resistência residual, reassentamento dos não-combatentes desalojados, restabelecimento de sistemas de abastecimento e distribuição, conserto da infraestrutura e implementação de reformas no nível institucional” formam parte dos temas repetidos.² Ainda que em debates contemporâneos, os temas de “promoção da democracia” e “a luta pelos corações e mentes” tenham sido substituídos por listas mais explícitas, os fins fundamentais das operações de estabilidade permanecem iguais.³

O aspecto que distingue a geração atual de operações de suas formas anteriores é a maior compressão de contextos temporais e espaciais nos quais as forças dos EUA operam. As cidades densamente povoadas do Iraque, como Bagdá, Fallujah e Najaf, proporcionam refúgios para os insurgentes, que podem mover-se com grande facilidade pelos ambientes urbanos. De característica mais histórica, o uso comum de telefones celulares e o aumento do acesso à internet também facilitam coordenação e comunicação mais rápidas entre os habitantes do Iraque. A natureza de ataques assimétricos, principalmente por meio de homens-bomba e explosivos improvisados, diminui inerentemente o tempo que as forças militares têm para avaliar e enfrentar a ameaça insurgente. A construção de bombas caseiras pode ser feita com pouca indicação de perigo iminente, em comparação com a concentração de tropas e armas ao longo de uma frente. Além do mais, desde que podem se misturar com a população num ambiente urbano altamente povoado, efetivamente os insurgentes diminuem o espaço da força militar — um ataque pode vir de uma única pessoa em qualquer lugar.

Biométricas: Promessas, Problemas e Partes do Corpo

De uma perspectiva tática, as tecnologias biométricas oferecem uma oportunidade tentadora de verificar a flexibilidade temporal e espacial do inimigo — para saber onde ele ou ela está

em qualquer tempo. Tais tecnologias podem ajudar a identificar e separar os insurgentes da população, física e digitalmente, aumentando assim a segurança para ambos os soldados e os cidadãos. Os proponentes acreditam que as tecnologias biométricas podem proporcionar aos EUA a “dominância de identidade” na Guerra Contra o Terrorismo e em operações de estabilidade como aquelas no Iraque. Um proponente, John Woodward Jr., define a dominância de identidade como a capacidade de “vincular um combatente inimigo, ou uma ameaça semelhante à segurança nacional, a suas identidades usadas anteriormente e suas atividades passadas, particularmente na maneira que se relacionam ao terrorismo e outros crimes.”⁴

As tecnologias de identificação biométrica incluem, mas não se limitando, o ato de tirar impressões digitais (usado desde o século XIX), escaneamento de íris e retina, reconhecimento de face e voz, análise da maneira de andar e aparelhos implantáveis de identificação por meio de frequência de rádio (*radio frequency identification devices* — *RFID*).⁵ Embora cada uma seja importante por si mesmo, essas tecnologias são mais eficazes quando combinadas para formar perfis multimodais de seres humanos, que podem ser arquivados em “bancos de dados inter-operáveis e conectados com redes”, como o Empreendimento da Solução de Biométricas do Departamento de Defesa.⁶ Tais bancos de dados permitem a identificação mais rápida e precisa de indivíduos por qualquer pessoa afiliada que possuir um scanner e uma conexão de dados. A distribuição de scanners biométricos e aparelhos de observação — receptores de RFID e máquinas digitais, por exemplo — por todo um território, permitiria a identificação de indivíduos em qualquer ponto de transmissão na rede, bem como o rastreamento de pessoas “marcadas” enquanto elas se moverem pela rede. Dessa forma, o tempo e o espaço nos quais os insurgentes poderiam existir e mover-se sem detecção diminuiriam dramaticamente. A conexão de bancos de dados ligados a redes com aparelhos portáteis de scanner e de processos como o sistema de Biocam poderiam fazer identificação e rastreamento em toda parte, dados os recursos adequados.⁷

O desenvolvimento e a adoção dessas tecnologias representam um novo tipo de corrida

para as Forças Armadas e seus oponentes. Em eras anteriores, os EUA se engajaram em corridas armamentistas ao desenvolver suas capacidades destrutivas. No entanto, as biométricas têm menos a ver com a destruição material do que a compressão de tempo e espaço por meio de identificação e rastreamento. Essas são o antídoto às insurgências celulares que conseguem uma velocidade de ataque por meio de anonimato, simplicidade tática e coordenação sofisticada. Assim, a busca de sucesso tático pela tecnologia, alta e baixa, já não contribui para uma corrida “armamentista” convencional — com fins de aumentar a força — tanto quanto significa um novo tipo de competição: uma corrida de “pernas” cujo objetivo é aumentar a velocidade.

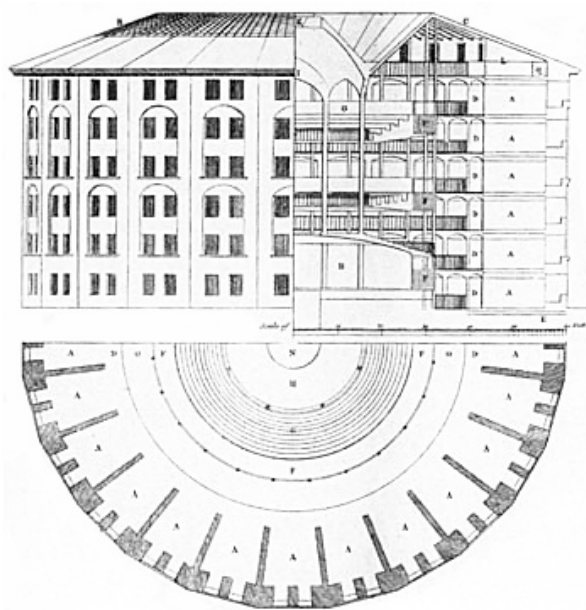
Sem dúvida, as tecnologias biométricas têm o potencial de mudar a maneira que as forças militares dos EUA monitoram e filtram os habitantes do Iraque. Porém o grau e âmbito dessa mudança são discutíveis, devido em parte à incerteza sobre a adequabilidade e a eficácia de muitas das tecnologias. Por exemplo, o escaneamento de íris e retinas, embora seja confiavelmente preciso, exige que indivíduos se movam em frente de um scanner numa velocidade mais devagar que normal enquanto olham para o scanner — um processo que é facilmente enganado por participantes relutantes.⁸

O reconhecimento de faces é até mais contencioso. Woodward quer dados faciais coletados de combatentes inimigos bem como qualquer pessoa que tem contato com as forças norte-americanas. Os perfis seriam arquivados num único banco de dados conectado por redes.⁹ No entanto, outros acreditam que o software de reconhecimento facial ainda não foi desenvolvido suficientemente para ser confiável, especialmente num ambiente urbano altamente povoado e de ritmo acelerado. Roger Clarke, um consultor industrial, chegou até o ponto de chamar o reconhecimento facial de “lixo”.¹⁰

Também, existe um problema de amostragem inerente no uso de biométricas numa região de conflitos recentes ou atuais. Como Russell Farkouh afirma: “As condições de moradia experimentadas no campo podem fazer que as impressões digitais ou de mãos sejam difíceis de determinar... as mesmas partes do corpo necessárias para prover a identidade agora podem

ser tão danificadas que não podem proporcionar uma impressão precisa.”¹¹ Dados os danos colaterais associados com a guerra, este ponto também se aplica à população civil do Iraque. Como uma descrição aproximada, o grupo anti-guerra Iraq Body Count (Conta de Corpos Mortos no Iraque) estima que havia 8.000 baixas civis (excluindo mortes) em Bagdá, desde o início das operações de combate em 19 de março de 2003, até 7 de agosto de 2003 — na média de 56 ferimentos por dia durante aquele período.¹² Muitos dos ferimentos provavelmente ocorreram em partes do corpo que poderiam ter sido úteis na identificação, significando que as operações de combate reduziram diariamente a disponibilidade de dados biométricos em Bagdá.¹³

Finalmente, o otimismo sobre as biométricas geralmente depende da suposição que as fronteiras rodeando o território monitorado são controladas. Desta maneira, todas as pessoas entrando ou saindo do território podem ser escaneadas, identificadas e rastreadas (enquanto estão dentro do território) de uma forma sistemática. Porém, as fronteiras iraquianas permanecem porosas. Por isso, os proponentes de biométricas não podem estar



A arquitetura de um presídio panóptico ilustra a dinâmica psicológica subjacente à observação biométrica. O modelo de Bentham coloca a autoridade de observação numa posição central arquitetônica e conceitualmente para privar os observados de todos os sentidos de privacidade. As implicações para a observação biométrica panóptica dos iraquianos, ou de qualquer sociedade, são incertas e provavelmente perniciosas.



Um soldado do 7º Regimento de Cavalaria coleta as impressões do pé de um iraquiano durante uma incursão casa-a-casa na cidade de Mosul, no Iraque, em 23 de abril de 2007.

certos que todos os indivíduos dentro do território foram processados, o que diminui severamente a capacidade de observação e saturação de todos os lugares e pessoas.

A Teoria Crítica e as Biométricas

O objetivo imediato de aplicar a observação biométrica à sociedade iraquiana é trazer maior estabilidade à população ao identificar e separar os insurgentes dos cidadãos — organizar por ordenamento. Essa tarefa, usando uma rede de sensores penetrantes, pode ser entendida como a encarnação digitalizada do Panopticon de Jeremy Bentham, um plano para a disciplina penitenciária baseada em observação constante de uma torre central. O Panopticon foi o precursor arquitetônico do sistema de disciplina estadual moderno de Michel Foucault.¹⁴ Foucault baseou sua análise de poder estatal na divisão e “tratamento” lógico de cidades afetadas por pragas no século XVII. Suas escrituras sobre o assunto ressoam quando consideradas com nosso ambiente biométrico atual.

Foucault descreve o controle de vítimas de pragas como um processo “segundo um modo duplo; primeiro de uma divisão binária e de classificação (louco/são; perigoso/inofensivo; normal/anormal); e segundo de designação coerciva, de distribuição diferencial (quem ele é; onde ele deve estar; como é que ele vai ser caracterizado; como é que ele vai ser reconhecido;

como uma observação constante dele vai ser exercida numa maneira individual, etc.).”¹⁵ Esse controle é generalizável a “todas as formas de confusão e desordem,” incluindo as operações de contra-insurgência e estabilidade.¹⁶

As tecnologias biométricas têm reunido o modo duplo de Foucault num único modo, que divide e distribui quase instantaneamente: pessoas são digitalmente classificadas numa variedade de maneiras, que simultaneamente determinam suas medidas de reconhecimento e os colocam sob observação constante. Bancos de dados enriquecem e às vezes substituem

a “penetração de regulação em até os menores detalhes da vida cotidiana” da estação central de monitoramento.¹⁷

Em sua eficácia máxima, as novas tecnologias produzem um domínio que Foucault previu com precisão: “Este espaço delimitado e segmentado observado em todos os pontos, no qual os indivíduos são inseridos num lugar fixo, no qual os menores movimentos são supervisionados, no qual todos os eventos são anotados... no qual o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, no qual cada indivíduo está constantemente localizado, examinado e classificado entre seres humanos vivos... tudo isso constitui um modelo *compacto* do mecanismo disciplinar... sua função é resolver todas as confusões possíveis...” (a ênfase é minha).¹⁸ Parece como se a única distinção entre a cidade de Praga do século XVII e a cidade pós-moderna afetada com uma contra-insurgência fosse que o espaço já não é “congelado”: mobilidade parcial ocorre sob constante monitoramento.

Os críticos assinalam que as tecnologias biométricas equivalem à extensão do poder do estado e da lógica da tecnologia nos corpos humanos, ofuscando o limite tradicional entre o estado e o indivíduo. Michael Darnell afirma que novas tecnologias da informação impactam “eventos ao transgredir, re-articular e reformar os limites de identidades, poder e segurança.”¹⁹ James der Derian descreve uma “tendência de

totalização” das tecnologias da informação, que ameaça “abrançar as maneiras públicas de existir de dentro e de fora”, um tecno-fundamentalismo no qual “a tecnologia da informação começou a dominar... nossa imagem mais profunda de existir no mundo,” destruindo qualquer distinção entre os métodos de existência metafísica e tecnológica.²⁰

A tragédia incorporada no triunfo da tecnologia é a redução da identidade humana em algoritmos e conjuntos de dados. Isso é a digitação da vida bio-política, onde, segundo François Jacob, “A biologia tem demonstrado que não existe nenhuma entidade metafísica escondida atrás da palavra ‘vida’”.²¹ Michael Dillon escreve que as biométricas e as tecnologias da informação equivalem à segurança virtual, a qual “radicalmente transforma em tecnologia a existência humana — a transforma em matéria bruta.”²² O biologismo de identidade social representa um “recurso ontopolítico” que ameaça reduzir a existência humana à “vida básica” de Giorgio Agamben — a lógica instrumental de vida ou morte do campo de concentração.²³ A população do Iraque possui uma tradição de identidade longa, rica e diversa baseada parcialmente em afiliações tribais, étnicas e religiosas e narrativas históricas. A imposição de identidades singulares, alcançadas por meio de aplicar identificações biométricas a uma sociedade, pode ser equivalente ao imperialismo ontológico e epistemológico — a hegemonia do racionalismo tecnológico e códigos informatizados sobre a história social e o significado semântico.²⁴

A Humilhação e as Relações Públicas

Os críticos das biométricas representam um desafio significativo às suposições bio-políticas sobre as quais as tecnologias são baseadas. Porém, se os críticos teóricos têm razão, como é que vamos saber? As forças dos EUA não se desmoronarão por razão de uma transgressão teórica. O resultado prático de um fracasso teórico provavelmente será mais manifestado nos aspectos psicológicos e nos de relações públicas das operações de estabilidade dos EUA. Uma maior percepção pelos cidadãos iraquianos de alienação das forças dos EUA seria uma manifestação que retardaria a infusão de valores democráticos naqueles cidadãos. A literatura

atual mostra que a alienação já está significativa e que os EUA estão longe de ganhar a batalha de relações públicas para os corações e mentes dos iraquianos.

As forças dos EUA não foram adequadamente educadas sobre as tradições e noções de honra e de vergonha dos iraquianos, causando efeitos prejudiciais na relação entre as forças dos EUA e os cidadãos do país. Os conceitos de honra dos iraquianos giram ao redor de *sharaf* (nascimento nobre), *ihitiram* (respeito derivado de poder coercivo) e *urd* (pureza feminina). *Urd* também implica honra familiar, desde que a responsabilidade pela pureza da mulher pertence à sua família.²⁵ Por isso, as vítimas de estupro freqüentemente são mortas ou punidas fisicamente por suas próprias famílias para “limpar” a evidência da incapacidade dos homens da família de assegurar *urd*.²⁶ O potencial para ofensas menos violentas à honra feminina — e assim familiar — é uma realidade diária das operações de estabilidade, que podem envolver buscas de pessoas e de casas bem como interrogações isoladas. Victoria Fontan alega que as forças militares dos EUA freqüentemente não percebem os sinais de avisos iniciais da humilhação crescente.²⁷ A introdução das tecnologias biométricas como escaneamento facial pode exigir a remoção do *hijab*, o lenço da cabeça de uma mulher. De forma semelhante, a implantação de RFIDs na roupa ou sob a pele pode exigir uma violação da proibição xiita contra a exposição de qualquer parte do corpo além do rosto de uma mulher a estrangeiros. A presença de transmissores no corpo ou na roupa de uma mulher e o conhecimento que ela estava sendo monitorada e rastreada por estrangeiros podem exacerbar um sentido de exposição. Qualquer uma dessas possibilidades ameaça agravar o sentido de vergonha que mulheres iraquianas — e assim homens iraquianos — sentem como um resultado de ações norte-americanas.

Qualquer vergonha adicional tiraria ainda mais a sensibilidade de honra de uma sociedade já privada de *ihitiram*. Desde que as forças armadas já possuem um predomínio de poder destrutivo, as operações dos EUA equivalem a uma lembrança regular da perda de *ihitiram* — uma perda exemplificada pelo fato que os próprios iraquianos não podiam derrubar o regime de Hussein, mas precisavam de uma força externa para fazer isso.²⁸ Além do mais, os EUA censuraram a mídia iraquiana durante a

guerra ao invés de tentar encorajar critérios de jornalismo responsável. Sem esses critérios, hoje a mídia iraquiana está livre para reforçar a percepção que as forças dos EUA são intrusos estrangeiros.²⁹ Neste contexto, não é uma surpresa que 89% dos iraquianos numa pesquisa de opinião em 2004 consideravam os EUA como uma força “ocupante” ao invés de libertadora.

Ganhar corações e mentes é um empreendimento mais nebuloso que a prevenção de ofensas contra a honra tradicional, embora deva incluir definitivamente a eliminação dessas ofensas. Uma receita para relações públicas americano-iraquianas é bem fora do âmbito deste artigo; somente quero sugerir que as biométricas afetarão as percepções iraquianas sobre os méritos dos objetivos norte-americanos, e que o efeito não será necessariamente positivo. As tecnologias biométricas não têm nada a ver com as noções mais tradicionais de identidade baseadas em raça, religião ou ligações tribais, e podem parecer um meio de identificação singularmente americano ou ocidental. Por isso, a imposição das biométricas nos iraquianos implica a

anulação de seus atributos de identidade preferidos. Então as biométricas podem ser percebidas como mais um exemplo de como a maneira americana de fazer coisas não leva em consideração os costumes iraquianos — um resultado que não é bem conducente para convencer os cidadãos a adotarem os costumes governamentais norte-americanos.

Realismo da Esquerda e as Duplas Intenções dos Políticos Democráticos

Além de provocar a ira crítica e potencialmente alienar os alvos de sua tecnologia, as aplicações biométricas confundem o conhecimento convencional e as expectativas de duas entidades separadas: pensadores realistas clássicos e os políticos democráticos norte-americanos. Uma leitura minuciosa do realismo clássico e uma descrição das manobras dos Democratas do Congresso dos EUA mostram como a tecnologia biométrica força o realismo à “esquerda” e desvenda contradições nas recentes táticas dos Democratas.³⁰



Força Aérea dos EUA, Cabo Steve Czyz

Soldados dos EUA usam o sistema automatizado de Biométricas (Biometrics Automated Tool Set) para coletar informações sobre voluntários desejando ser membros da segurança da estrutura de informações civis em Hor Al Bosh, no Iraque, 16 de outubro de 2007.

O realismo clássico permanece como a predominância teórica dos estudos de relações internacionais. Tipicamente, o realismo clássico é entendido simplesmente como a idéia que todas as políticas se sucedem, por meio da natureza humana avarenta, para capacidades de poder. Tal entendimento geralmente leva à conclusão que os “fortes fazem o que têm o poder para fazer e os fracos aceitam o que têm que aceitar.”³¹ (Esse veredicto parece consistente com a implementação das biométricas no Iraque.) Segundo Michael C. Williams, o “state of nature” (estado da natureza) de Thomas Hobbes, um princípio fundamental da maioria de relatos clássico-realistas das relações internacionais, tem sido convencionalmente interpretado como um estado de insegurança perpétuo, “o resultado dos atores racionais e materialmente interessados em competição para os mesmos bens raros dentro de uma condição de acordos epistêmicos.”³² No entanto a leitura incisiva do ceticismo epistemológico mostra que o estado da natureza de Hobbes é caracterizado por “exatamente pela *falta* de tal semelhança”. (ênfase na obra original) — por uma inabilidade de acordar em como podemos verificar as alegações de conhecimento.³³

É este inseguro estado da natureza, epistêmico ao invés de físico, que exige um estado soberano, cujas contribuições principais à sociedade são que ele “sustenta as estruturas sociais do acordo epistêmico, proporciona interpretações e decisões autoritárias (e que podem ser compelidas) nos casos contestados, e estabelece as condições de previsibilidade que minimizam o medo e permitem a cooperação racional.” Este entendimento “realista deliberado” do Leviathan de Hobbes como um facilitador da construção social de conhecimento, ao invés de um monopolizador simplista da força violenta, depende de um contrato entre o governo e os governados baseado na legitimidade. Como Williams observa, “Os indivíduos de Hobbes nunca renunciam a seu direito de julgar as situações por eles mesmos no sentido que, se eles acreditam que sua auto-preservação esteja ameaçada, eles retêm (por meio do direito da natureza) o direito de rebelar-se contra o Soberano.”³⁴ Por isso, o povo tem que aceitar as alegações epistêmicas que o governo busca compêlir.

O realismo deliberado, combinado com a exposição da epistemologia que é integral das tecnologias biométricas da teoria crítica, proporciona um argumento de advertência com respeito ao Iraque. Se as biométricas incluem alegações de conhecimento intrínseco que tendem a fazer o estudo da vida política, e a estabilidade governamental depende principalmente da legitimidade popular de tais alegações, então a questão essencial chega a ser se uma porção significativa dos iraquianos aceita ou não a substituição de suas identidades originais pelas práticas tecnológicas. Se não aceitam, as operações de estabilidade dos EUA perdem a legitimidade necessária para fundamentar o autogoverno iraquiano no futuro.

Como discutido acima, há pouco para sugerir que as biométricas aumentarão a legitimidade das operações dos EUA no Iraque. Por isso, as biométricas correm o risco de entrar em conflito com outra “virtude suprema” do realismo clássico, a prudência, definida como “a pesagem das conseqüências das ações políticas alternativas”.³⁵ Se as exigências da legitimidade, e por isso a prudência, não forem consideradas na implementação das biométricas no Iraque, os tomadores de decisão dos EUA arriscam “uma situação que é a pior das hipóteses” onde “por seu medo de prejuízo no futuro ao invés da avaliação tranqüila das realidades atuais... eles criam as mesmas condições de desconfiança que eles temem.”³⁶ Insiro meu assunto particular naquele de Williams: “A tecnologia, tão necessária para a previsão e a preservação, se torna a fonte de uma profecia destrutiva auto-realizável.”³⁷

Igualmente confundida como o achado que o realismo clássico está em oposição às aplicações biométricas implementadas pelos poderosos, é a descoberta que os Democratas do Senado e da Câmara dos Deputados se envolveram numa situação circular rememorativa da profecia auto-realizável de Williams e Hobbes. Os Democratas têm apoiado iniciativas de biométricas com respeito à segurança nacional, mas esforços recentes no Congresso colocam dois fundamentos da política dos Democratas — um cronograma fixo para a guerra e a transferência de responsabilidades do Iraque aos iraquianos — em oposição um ao outro.³⁸ Um ponto de enfoque desta oposição é a identificação e observação das biométricas.

Há tempos, os Democratas têm exigido um cronograma fixo para a retirada das forças dos EUA do Iraque e usaram-no como um aspecto principal para sua tomada de controle do Congresso nas eleições na metade do mandato do presidente, em 2006, e para seu programa partidário no novo Congresso.³⁹ A exigência corresponde à crença que as capacidades de travar a guerra da administração Bush devem ser drasticamente limitadas. O crescente desejo doméstico para prazos fixos para a retirada dos soldados diminui ainda mais o tempo pelo qual os objetivos dos EUA podem ser realizados no Iraque. Isso só pode amplificar a dificuldade anteriormente mencionada na qual os planejadores dos EUA devem executar operações limitadas “com um olho observando o relógio... e isso permeia a campanha com o sentido que as forças norte-americanas devem agir rapidamente se querem tomar a iniciativa e controlar a situação.”⁴⁰ Em outras palavras, a compressão natural dos cronogramas das operações de estabilidade, junto com exigências para datas de retiradas, incentiva as Forças Armadas dos EUA a trocarem os efeitos em longo prazo por expedientes táticos. O momento para as tecnologias biométricas é uma dessas trocas.

Por isso, é irônico que as biométricas promovam um resultado que é contrário aos objetivos principais dos Democratas no Iraque: o retorno das responsabilidades aos iraquianos.⁴¹ As iniciativas das biométricas não somente fazem com que as forças dos EUA sejam responsáveis pela identificação e detenção de insurgentes, como em geral exigem a necessidade dos direitos proprietários dos EUA sobre o acesso aos bancos de dados.⁴² Nas operações de contra-insurgência e de estabilidade em eras pré-biométricas, frequentemente as forças dos EUA dependiam em parte das populações nativas para proporcionar identificação e inteligência que pertenciam aos insurgentes. As tecnologias biométricas não somente alienarão o povo iraquiano. Suas promessas de superioridade científica e onipresença também aliviarão os civis de qualquer dever de reportar o que vêem, desde que podem assumir que os escaneadores dos EUA já têm identificado, arquivado e rastreado as pessoas suspeitas. Assim, uma iniciativa dos Democratas tem atrapalhado outro objetivo

do partido. Embora um projeto de lei sobre cronogramas já foi aprovado, não é provável correlacionar com uma crescente responsabilidade dos iraquianos.⁴³ Ao invés disso, um cronograma faz que as biométricas sejam mais atraentes para as forças militares. Por sua vez, as biométricas reforçam a idéia que os soldados dos EUA, não os iraquianos, são responsáveis pela estabilização do Iraque.

A Teoria de Estruturação e a Promoção de “Democídio”

Os proponentes das biométricas promovem uma narrativa particular sobre a implementação e aplicação da tecnologia, variando das capacidades técnicas de domínio de identidades à administração e monitoramento de populações e à aumentada estabilidade e maior segurança para as forças dos EUA e os civis iraquianos. No entanto, esta narrativa é determinista demais. Existe algum ponto onde a progressão linear pode mudar de direção e pegar um caminho imprevisto para destinações inesperadas? Uma visão estruturada da tecnologia sugere que tal ponto seguirá imediatamente após a instalação das tecnologias biométricas no Iraque. Uns poucos cenários estratégicos mostrarão até que ponto alguns dos resultados imprevistos podem ser indesejáveis.

Baseado no trabalho de Anthony Giddens, uma teoria estruturada da tecnologia considera a relação entre usuários e tecnologia como uma dinâmica mutuamente constituída no qual as capacidades de tecnologia afetam as preferências e ações do usuário, e por sua parte, essas ações e preferências alteram como as tecnologias são percebidas. As percepções alteradas da tecnologia logo modificam as preferências do usuário, e o ciclo se repete indefinidamente.⁴⁴ O que é de importância particular sobre a teoria estruturada é a reflexibilidade dos usuários (sua capacidade de auto-monitorar os usos atuais e potenciais da tecnologia), os efeitos diretos (intencionados ou não-intencionados) e indiretos (quase sempre não-intencionados) do emprego de tecnologia num ambiente social, e a idéia que, sem importar se seu uso parece permanente ou aceito, a tecnologia está sempre “evoluindo na sociedade de modo incerto segundo os inúmeros julgamentos e assunções específicos.”⁴⁵ O resultado é uma relação constantemente mutante entre as capacidades

tecnológicas e os usuários humanos onde a tecnologia é sempre “interpretada de modo flexível” e por isso seu uso pela sociedade e seus efeitos nunca estão completamente determinados.⁴⁶ Tal análise da tecnologia instiga dúvida sobre os resultados otimistas presumidos por defensores da observação biométrica. Pode haver outras permutações causadas pela introdução das biométricas num ambiente sócio-político dinâmico, progressivamente inseguro, às vezes não-cooperativo e freqüentemente hostil?

A teoria estruturada sugere que, desde o momento que a tecnologia estiver introduzida na vida cotidiana iraquiana, os resultados serão menos confiáveis que os defensores das biométricas esperam. Nos parágrafos seguintes discuto duas possibilidades, uma o pior dos cenários, a outra tendo a ver com dificuldades logísticas previsíveis. Os dois cenários merecem consideração por parte de planejadores antes que as biométricas sejam aceitas para emprego em operações de estabilidade.

O resultado do pior cenário seria a autodestruição da democracia facilitada biometricamente, na qual o Governo do Iraque ou facções dentro da polícia e das forças militares utilizariam as técnicas de identificação e rastreamento para limpar áreas de oponentes tribais, religiosos e/ou políticos.⁴⁷ Tal possibilidade tem precedente. A Argentina, um dos adotantes iniciais da tecnologia de impressão digital, empregou o sistema biométrico de Digicom para “rastrear denominados dissidentes nas ruas de Buenos Aires,” contribuindo para 30.000 “desaparecimentos” entre 1976 e 1981.⁴⁸

Embora em todos os cenários biométricos propostos os EUA possam inicialmente controlar e proteger o acesso aos bancos de dados, a chance que isso continuaria indefinidamente parece improvável. Caso leve 5, 10 ou 20 anos para os EUA cederem os direitos dos bancos de dados ao Governo do Iraque, podemos ficar seguros que o facciosismo e a guerra civil terão sido eliminados do ambiente sócio-político? Se não forem, a existência e controle de várias tecnologias de identificação farão o velho ambiente violento até mais eficiente.

A segurança da identidade freqüentemente equivale à segurança física no Iraque de hoje. Por exemplo, em Bagdá, “sunitas e xiitas apavorados estão escondendo suas identidades

para sobreviver. Suas diferenças... chegaram a ser assuntos de vida ou morte em maneiras nunca vistas antes no Iraque.”⁴⁹ O massacre de sunitas por polícias xiitas em março de 2007, em Tal-Afar, representa uma advertência gritante.⁵⁰ Os escaneadores e bancos de dados das biométricas eliminariam a segurança de identidade no Iraque. Os EUA não podem considerar sua instalação sem levar em conta os empregos mais nefandos possíveis das tecnologias.

Os críticos assinalam que as tecnologias biométricas equivalem à extensão do poder estatal e à lógica da tecnologia nos corpos humanos, ofuscando o limite tradicional entre o estado e o indivíduo.

Muito menos perigosos que a limpeza apoiada por biométricas, os dilemas imediatos de comando e controle ainda confundem planejadores de estabilidade. Até sob os auspícios dos EUA, a observação biométrica no Iraque exigirá alguma descentralização para ser realmente difundida. Como os EUA cedem maior autoridade às forças treinadas da polícia e exército iraquianos, esses grupos precisarão, no mínimo, de acesso aos bancos de dados de identificação se forem fazer seus trabalhos de forma competente. A negação de capacidades biométricas às forças do Governo do Iraque com certeza fará as áreas controladas pelo Iraque muito mais atraentes aos altamente adaptáveis insurgentes. Além do mais, as forças militares dos EUA têm tido menos sucesso que as milícias iraquianas em algumas operações relacionadas à estabilidade, e o retrocesso do direito de alguns grupos iraquianos para empregar a força em certas situações já foi sugerido, como no caso da proteção do Exército Mahdi aos peregrinos xiitas.⁵¹ A presença das biométricas forçaria os comandantes dos EUA a escolherem entre conceder alta tecnologia a um grupo faccionário ou estar vulneráveis à alegação que não tinham completamente facilitado as capacidades de proteção do grupo. O retrocesso e as operações

de estabilidade compartilhadas são assuntos inerentemente desafiadores. As biométricas somente os farão mais difíceis.

Além dos dois cenários descritos acima, existem muito mais futuros possíveis que as biométricas podem iniciar. Minha intenção é para eles meramente ilustrarem as implicações estrategicamente relacionadas das tecnologias biométricas quando vistas de uma perspectiva estruturada. Tais possibilidades negam a imagem de panacéia das biométricas e sugerem que de fato podem fazer mais prejuízo que benefício ao Iraque.

Escanear o Pecado, Não o Pecedor

A tragédia de uma aceitação, não mitigada e sem debate, de uma solução biométrica para os problemas de estabilidade no Iraque é que há alternativas viáveis que podem melhor apoiar as forças militares no cumprimento não apenas do objetivo conveniente de proteger pessoas e forças, mas também o fim de longo prazo de promover a democracia para os civis iraquianos. Discutirei brevemente duas dessas alternativas: a marcação de bens e mercadorias para eliminar fontes ilícitas de renda dos insurgentes e a detecção de armas por meio de interferência de banda larga nas linhas de transmissão elétrica.

Os aparelhos implantados de identificação por meio de frequência de rádio (RFID), no melhor dos casos, ficam esperando debaixo da pele, ativando sensores de proximidade enquanto o usuário viaja entre áreas. Os RFIDs, quando mais viáveis, podem ser afixados em contêineres de frete, páletes e até produtos individuais para que os itens possam ser rapidamente identificados nos pontos de entrada e rastreados aos pontos de entrega. Esta aplicação menos futurística dos RFIDs pode inibir o contrabando, lavagem de dinheiro e outras atividades que chegam a economias ilícitas pelas quais os insurgentes são freqüentemente financiados.⁵² Um ataque biométrico aos insurgentes, empregando a alta tecnologia para bloquear seus recursos, ao invés de rastrear seu movimento (e qualquer outro iraquiano), limitaria as capacidades insurgentes, sem sensoriamento intrusivo de seres humanos.

A segunda tecnologia, a detecção e identificação por meio de interferência remota de banda larga nas linhas de transmissão elétrica (*Broadband-*

over-power-line interference remote detection and identification — BPLI RAID), potencialmente permite a detecção de características particulares de armas metálicas em qualquer lugar de uma rede elétrica.⁵³ Com o emprego de uma transmissão de banda larga de barulho normal de fundo de rádio nas linhas terrestres para criar uma área “escaneada”, junto com receptores especiais colocados em transformadores elétricos, o BPLI RAID identifica a presença de armas numa dada área por suas características particulares de frequência refletidas.⁵⁴ O BPLI RAID tem o potencial de detectar as armas de extensão com alguns centímetros de distância. Ao invés de identificar os indivíduos considerados uma ameaça, pode alertar as forças norte-americanas sobre a presença de ameaças iminentes.⁵⁵

Esta tecnologia também promete os benefícios mais consistentes com os objetivos de formação de democracias dos EUA e as noções de honra dos iraquianos.⁵⁶ Porque pode ser instalado em qualquer lugar onde há eletricidade, o BPLI proporciona aos EUA o incentivo de desenvolver a infra-estrutura iraquiana enquanto proporciona mais segurança aos soldados norte-americanos. Por escanear passivamente objetos ao invés de pessoas e não exigir o processamento de indivíduos antes da detecção e monitoramento, o BPLI RAID perturbará a vida cotidiana e os costumes iraquianos muito menos que a observação biométrica.

Com o potencial de aumentar a segurança das forças norte-americanas a um ponto no mínimo equivalente àquela das biométricas, enquanto reduz a alienação iraquiana, os rastreamentos do comércio por RFID e BPLI RAID mais adequadamente abordam o dilema temporal e político das forças militares dos EUA no Iraque. Eles merecem consideração cuidadosa. Também, eles chamam a atenção para a existência de alternativas às soluções biométricas que respeitam a natureza complexa das necessidades de estabilidade operacional dos EUA sem sacrificar a rapidez. É evidente que as forças militares dos EUA tencionam ganhar a corrida de pernas contra os insurgentes e terroristas. Merecem a oportunidade de fazer isso com acessórios que propelirão as forças ao longo do caminho para um Iraque democrático ao invés daqueles que talvez só conduzam para a mesma situação atual. **MR**

REFERÊNCIAS

1. De forma simples, a teoria da paz democrática é a idéia que as democracias não travam a guerra entre si. Para uma visão geral da teoria da paz democrática, veja ELMAN, Miriam F., *Paths to Peace: Is Democracy the Answer?* (Boston, MA: MIT Press, 1997); OWEN, John M. "How Liberalism Produces Democratic Peace," *International Security* 19, no. 2 (1994); e mais importante, RUSSETT, Bruce M., *Grasping the Democratic Peace: Principles for a Post-Cold War World* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993). Para uma crítica justa, veja SPIRO, David E., "The Insignificance of the Liberal Peace," *International Security* 19, no. 2 (1994).
2. SPILLER, Roger, "The Small Change of Soldiering and American Military Experience," *Australian Army Journal* 11 / 1 (2005): p. 171.
3. Para a evidência do emprego progressivo do uso mais amplo dessas expressões de vários lados dos debates sobre a guerra no Iraque, bem como a Guerra Global Contra o Terrorismo, veja CAROTHERS, Thomas, "Promoting Democracy and Fighting Terror," *Foreign Affairs* 82, no. 1 (2003); LENNON, Alexander T. J., *The Battle for Hearts and Minds: Using Soft Power to Undermine Terrorist Networks* (MIT Press, 2003); "Press Release Fact Sheet: President Requests \$72.4 Billion for the Global War on Terror," ed. The White House Office of the Press Secretary (2006); SEELY, Hart, "U.S. Soldiers Battle for Hearts and Minds in Iraq," *The Seattle Times*, 12 de novembro de 2005; SHARP, Jeremy M., *U.S. Democracy Promotion Policy in the Middle East: The Islamist Dilemma* (Congressional Research Service, 2006); WALSH, Declan, "U.S. Losing Battle for Hearts and Minds with Abuses and Insensitivity," *The Guardian/UK*, 21 de maio de 2005.
4. WOODWARD, John D. Jr., "Using Biometrics to Achieve Identity Dominance in the Global War on Terrorism," *Military Review* (September-October 2005): p. 30.
5. A impressão digital foi adotada pela vigência das leis argentinas em 1892. DOUGLAS, Jeanne-Vida "Biometrics: The Body and Soul of Security," *ZDNet Australia*, 14 de fevereiro de 2002.
6. FARKOUH, Russell B., "Incorporating Biometric Security into an Everyday Military Work Environment," *SANS GIAC GSEC Practical Version 1.4b, Option 1* (2004): p. 4. Um perfil multimodal é formado por mais de uma "métrica". As métricas combinadas são usadas para criar um perfil mais distintivo e forte (Douglas).
7. ACKERMAN, Robert K. "Army Intelligence Digitizes Situational Awareness," *Signal* 59, no. 11 (2005); Woodward Jr: p. 34.
8. Douglas.
9. Woodward Jr: pp. 33-4.
10. Douglas.
11. Farkouh: p. 8.
12. DARDAGAN, Hamit, SLOBODA, John e WILLIAMS, Kay, "Adding Indifference to Injury: At Least 20,000 Civilians Injured in Iraq War," *Counter-Punch*, 7 de agosto de 2003. Embora este número possa ser considerado uma estimativa livre, deve ser observada que a estimativa foi calculada sem consultar os incidentes onde não havia mortes. Além do mais, presumiria somente uma mutilação por baixa, quando na realidade provavelmente havia mais.
13. Reconheço a flexibilidade metodológica e falta de precisão desta estimativa, mas a incluo simplesmente para ilustrar a idéia.
14. FOUCAULT, Michel, *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*, tradutor Alan Sheridan, 2ª ed. (New York: Vintage, 1979), p. 200.
15. *Ibid.*, 199.
16. *Ibid.*
17. *Ibid.*, 198.
18. *Ibid.*, 197. Para uma crítica de Foucauldian mais ampla de observação biométrica, veja BONDITTI, Philippe, "From Territorial Space to Networks: A Foucauldian Approach to the Implementation of Biometry," *Alternatives: Global, Local, Political* 29, no. 4 (2004). Bonditti invoca a imagem de um "estado global de pragas".
19. DARTNELL, Michael, "Weapons of Mass Instruction: Web Activism and the Transformation of Global Security," *Millennium: Journal of International Studies* 32, no. 3 (2003): p. 497.
20. DERIAN, James der, "The Question of Information Technology in International Relations," *Millennium: Journal of International Studies* 32, no. 3 (2003): pp. 444, 447.
21. Citado em DILLON, Michael, "Virtual Security: A Life Science of (Dis) Order," *Millennium: Journal of International Studies* 32, no. 3 (2003): p. 539.
22. *Ibid.*
23. *Ibid.*: 533.
24. Para mais informações sobre este assunto, veja *Ibid.*, FULLER, Gillian, "Perfect Match: Biometrics and Body Patterning in a Networked World," *Fibre-culture Journal* 1, no. 1 (2003): p. 543.
25. FONTAN, Victoria, "Polarization between Occupier and Occupied in Post-Saddam Iraq: Colonial Humiliation and the Formation of Political Violence," *Terrorism and Political Violence* 18, no. 2 (2006): p. 219.
26. *Ibid.*: 223.
27. *Ibid.*
28. *Ibid.*: 220-1.
29. *Ibid.*: 224-5.
30. Os membros do Congresso do Partido Democrata foram forçados a fazer contradições sobre sua postura crítica das aplicações biométricas, como demonstrado no argumento no texto. Em resumo, sua iniciativa para um cronograma fixo é um fator que tem obrigado as forças dos EUA a optarem para expediências como as biométricas. Contudo, o emprego de biométricas corree a outra exigência do Partido Democrata: que as forças iraquianas sejam compelidas a assumir a responsabilidade.
31. Extraído dos "Diálogos de Melian" em *The History of the Peloponnesian War*, tradutor. Rex Warner (Harmondsworth: Penguin Classics, 1954), pp. 400-408. As obras de realismo clássico fundamental incluem MORGENTHAU, Hans J. *Politics among Nations* (New York: Alfred A. Knopf, 1967); NIEBUHR, Reinhold, *Moral Man and Immoral Society: A Study in Ethics and Politics* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001). Para uma crítica do realismo clássico que introduz o neo-realismo, também conhecido como realismo estrutural, veja WALTZ, Kenneth N., *Theory of International Politics* (Columbus, OH: McGraw-Hill, 1979).
32. WILLIAMS, Michael C., *The Realist Tradition and the Limits of International Relations* (Cambridge University Press, 2005), pp. 23-4.
33. *Ibid.*, 24.
34. *Ibid.*, 40-1.
35. Morgenthau, 12. Como Morgenthau afirma, "não pode haver a moralidade política sem prudência".
36. Williams, 26.
37. *Ibid.*
38. Veja McCULLAGH, Declan e POLEN, Ben "Dems Ready Bioterrorism Bill," *Wired*, October 26 2001. disponível em: www.wired.com/politics/law/news/2001/10/47898.
39. Veja, por exemplo, BIDEN, Joseph R. Jr., "Time for an Iraq Timetable," *The Washington Post*, 26 de novembro de 2005.
40. Spiller: 167.
41. Para exemplos de convocação para o Iraque tomar a responsabilidade por si mesmo, veja PELOSI, Nancy "Floor Remarks on Amendment to the Defense Appropriation Bill," (House of Representatives, 2005); "Press Release: Stupak Renews Calls for Iraqi Accountability Plan" (House of Representatives, Office of Congressman Bart Stupak, 3 de agosto de 2006).
42. Para exemplos dos pontos de vista dos proponentes das biométricas na segurança de bancos de dados, veja Douglas e Woodward. Para uma avaliação crítica da necessidade para a codificação de dados, veja Bonditti: p. 470.
43. ZELENY, Jeff e STOUT, David, "House Narrowly Backs Iraq Timetable," *The New York Times*, 23 de março de 2007.
44. ORLIKOWSKI, Wanda J., "The Duality of Technology: Rethinking the Concept of Technology in Organizations," *Organization Science* 3, no. 3 (1992): pp. 403-6.
45. WYNNE, Brian "Unruly Technology: Practical Rules, Impractical Discourses and Public Understanding," *Social Studies of Science* 18, no. 1 (1988), citado em Orlikowski: p. 408.
46. Orlikowski: 405.
47. Uso a expressão "democídio" para capturar as possibilidades mais amplas de matança que o genocídio, o qual é tipicamente definido como a exterminação em massa de um certo grupo religioso, étnico, tribal ou nacional. O democídio, por outro lado, refere-se a qualquer caso de violência dirigido contra os cidadãos pelas autoridades governamentais.
48. Douglas.
49. RAGHAVAN, Sudarsan "At Checkpoints in Baghdad, Disguise Is a Lifesaving Ritual," *Washington Post*, 29 de setembro de 2006.
50. SALAHEDDIN, Sinan, "Shiite Cops Reportedly Rampage Vs. Sunnis," *The Associated Press*, 28 de março de 2007.
51. COLE, Juan "Is the Bush Surge Already Failing?," *Salon.com*, 8 de março de 2007.
52. FELBAB-BROWN, Vanda, "From Sanctuaries to Protostates," in *International Studies Association 48th Annual Convention* (Chicago, IL: 2007), p. 1.
53. HOWARD, Newton e KANAREYKIN, Sergey, "Bpl Interference for Remote Detection and Identification (Bpli Raid): Wide Area Remote Detection and Identification Technology Using Broadband-over-Powerline," *Center for Advanced Studies Draft Paper*. Disponível em: www.c4ads.org/papers/RAID_draft.pdf.
54. *Ibid.*
55. *Ibid.*
56. *Ibid.*